



Centro Universitário Vale do Salgado

**CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO
BACHARELADO EM PSICOLOGIA**

MARIA DAS DORES CAETANO QUARESMA

**OS ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DA NÃO AMAMENTAÇÃO NA
MATERNIDADE**

MARIA DAS DORES CAETANO QUARESMA

**OS ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DA NÃO AMAMENTAÇÃO NA
MATERNIDADE**

Projeto de Pesquisa submetido à disciplina de TCC II, do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado, como requisito para a aprovação e nota.

Orientador (a): Profa. Esp. Rebecca Pinheiro Sedrim

MARIA DAS DORES CAETANO QUARESMA

OS ASPECTOS PSICOSSOCIAIS DA NÃO AMAMENTAÇÃO NA MATERNIDADE

Projeto de Pesquisa aprovado em ____/____/_____, como requisito para a aprovação na disciplina de TCC II, do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado.

BANCA EXAMINADORA:

Rebecca Pinheiro Sedrim

Orientador(a)

Letícia Augusto Oliveira da Silva

Avaliador(a)

Lucas Ledo Alves

Avaliador(a)

Ic6-CE
2021

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha família, que muito me apoiou, em especial, à minha mãe Lúcia e ao meu pai Antônio Caetano (*In Memórian*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por todas as bênçãos derramadas em minha.

Agradeço de forma especial à minha orientadora a professora especialista Rebeca Pinheiro Sedrim, que sempre esteve disposta a me apoiar e dar o suporte nos momentos precisos e me proporcionou ampliar o olhar e me apaixonar pela psicologia perinatal.

Às minhas amigas: Dayse Dias Sobreira, a mãe da Ivy; Carla Fernandes, mamãe do Antonio; Julie Vieira, mãe da Leticia; e Erika Angelim, mãe de Pedro e Abraão.

Aos meus sobrinhos: Liara, Miguel e Luna, às minhas irmãs Lidiane e Edilene e, por fim, à minha mãe Lúcia, que tanto amo e admiro.

EPÍGRAFE

**“Você precisa ter uma vida além do seu filho.”
(Vera Iaconelli)**

RESUMO

Introdução: A amamentação é um ato realizado pelo corpo, que é constituído de matéria crivada pela subjetividade, o que acaba por provocar e ser provocado por sentidos resultantes dos aspectos sociais e culturais. A mulher pode entrar em conflito diante da amamentação e sua autonomia corporal, do desejo de querer ou não amamentar.

Objetivo: Destacar os fatores psicossociais relacionados à não amamentação que influenciam a maternidade. **Métodos:** Pesquisa do tipo exploratório descritiva, por meio de revisão narrativa bibliográfica, com abordagem qualitativa. A análise de dados foi realizada a partir do método de análise de conteúdo de Bardin. **Resultados:** Durante a análise dos dados foi possível identificar três categorias destacando aspectos biológicos, aspectos psicológicos e aspectos sociais que envolvem a não amamentação. Estes são fatores que influenciam direta ou indiretamente no processo de amamentação, bem como às decisões das mulheres no período puerperal, incluindo amamentar ou não. **Conclusão:** É possível identificar que o sofrimento psicológico está presente nas mulheres que não amamentam, seja por opção ou por impedimento fisiológico ou social. Desse forma, sugere-se que sejam pensadas estratégias de apoio às mulheres que não amamentam, a fim de diminuir o sofrimento psicológico vivenciado pelas mães que não amamentam.

Descritores: Amamentação; Ciclo reprodutivo; Maternidade; Psicologia.

ABSTRACT

Introduction: Breastfeeding is an act performed by the body, which is made up of matter riddled with subjectivity, which ends up provoking and being provoked by meanings resulting from social and cultural aspects. The woman can come into conflict regarding breastfeeding and her bodily autonomy, the desire to want or not to breastfeed. **Objective:** Highlight the psychosocial factors related to non-breastfeeding that influence motherhood. **Methods:** Descriptive exploratory research, through bibliographic narrative review, with a qualitative approach. Data analysis was performed using Bardin's content analysis method. **Results:** During data analysis, it was possible to identify three categories highlighting biological aspects, psychological aspects and social aspects involving non-breastfeeding. These are factors that directly or indirectly influence the breastfeeding process, as well as the decisions of women in the puerperal period, including breastfeeding or not. **Conclusion:** It is possible to identify that psychological suffering is present in women who do not breastfeed, either by choice or by physiological or social impairment. Thus, it is suggested that support strategies for women who do not breastfeed are devised, in order to reduce the psychological suffering experienced by mothers who do not breastfeed.

Descriptors: Breastfeeding; reproductive cycle; Maternity; Psychology.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 OBJETIVOS	11
2.1 GERAL.....	11
2.2 ESPECÍFICOS	11
3 ASPECTOS PSICOLÓGICOS DA MATERNIDADE.....	12
3.1 HISTÓRICO DA AMAMENTAÇÃO	13
3.2 DESAFIOS DA AMAMENTAÇÃO	14
3.3 SOFRIMENTO PSICOLÓGICO DAS MÃES QUE NÃO AMAMENTAM.....	16
3.4 PRINCIPAIS FATORES QUE IMPACTAM NA NÃO AMAMENTAÇÃO	18
4 METODOLOGIA	21
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	23
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	27
REFERÊNCIAS	28

1 INTRODUÇÃO

Conforme exposto por Vahlquist (1981), o ciclo reprodutivo inclui a gestação, o parto e a amamentação. Essa última experiência é vivenciada pelo corpo feminino e este deve ser considerado como sendo constituído de matéria crivada pela subjetividade, o que acaba por provocar e ser provocado por sentidos resultantes dos aspectos sociais e culturais (GIORDANI, 2009).

Segundo Iaconelli (2015), os sentimentos ambíguos se desenvolvem naturalmente com a gestação. A angústia de ser mãe não torna a mulher imprudente ou insana, bem como o desejo de gestar não a torna por si só amorosa e afetuosa como a criança. A construção do laço materno vem sempre cheio de incógnitas e carga de traumas antigos, história de vida e rejeição materna vivida, antes esquecida e projetada na criança recém-nascida. O momento da gestação pode desencadear múltiplos sentimentos, mesmo em gravidezes planejadas ou desejadas, que com o passar dos meses pode diminuir a carga ansiolítica ou não (PARADA, 2009).

O ato de ficar em casa e cuidar de seus filhos passou de um caminho conflituoso, desleixado, para um ato de amor e dedicação. Anteriormente, no século XVII, amamentar era sinônimo de desleixo das classes menos providas de recursos financeiros. Mas, a partir do século XVIII, essa concepção passou a ser considerada um ato de amor extremo. Na sociedade atual a exigência é de que as mulheres, sejam mães em tempo integral e trabalhem fora também em tempo integral, ou seja, uma demanda absurda e conflituosa (BADINTER, 2011).

Para Geertz (1998), a mulher pode entrar em conflito, diante da amamentação e sua autonomia corporal, do desejo de querer ou não amamentar, da experiência do amor materno. Isso se dá pela dramatização destes aspectos do seu mundo associado a outros papéis que a mulher assume em diferentes relacionamentos sociais. O processo interacional está estruturado socialmente de acordo com as atribuições que as pessoas desempenham na sociedade. Principalmente diante da multiplicidade de funções que um único indivíduo assume, os papéis poderão se sobressair um em relação ao outro, o que pode ocorrer com a maternidade, ora mãe-mulher, ora mulher-mãe (ABUCHAIM, 2005).

Nesse sentido, a insígnia de amamentar deve ser desconstruída para que a mulher aceite o evento da não amamentação como algo natural e comum, é necessário também um suporte psicológico e uma rede de cuidados para que o processo de não amamentar seja feito sem culpa e minimizando o sofrimentos, em especial, os psicológicos e emocionais (DE PAULA, 2015).

Nessa perspectiva, surge a reflexão sobre o sentimento de culpa concebido e impulsionado pela consciência moral e, portanto, sob influência social (BADINTER, 1985). Para a autora, o sentimento de culpa da mãe se refere à internalização de expectativas de condutas e comportamentos sociais previstos. Dessa forma, o pensamento sobre a amamentação ser inadequada envolve o sentimento do dever e do desejo de fazê-lo, perpassando conflitos de que a mulher que não deseja amamentar, também considera que deve amamentar, o que implica em demonstração do amor materno, de comprometimento com o cuidado do bebê, do cumprimento com o dever sagrado.

Para Giordani (2018), a desnaturalização do evento de amamentar requer a reflexão sobre a possibilidade da vivência da maternidade simultânea, sentimento de não identificação com a lactação ou decisão de não amamentar. Neste sentido, busca-se com esta pesquisa, destacar os fatores da não amamentação que influenciam na maternidade, identificando seu impacto nos aspectos psicológicos das mulheres que não amamentam e sofrem influência de fatores sociais, emocionais e culturais.

A opção pela temática deu-se a partir da observação de experiências de maternidade e amamentação por mulheres com as quais a autora deste trabalho conviveu e teve a oportunidade de ouvir seus relatos quanto aos conflitos de amamentar ou não, sendo estes impostos por fatores externos ou por fatores fisiológicos e profissionais, que impediram ou dificultaram o processo de amamentar, bem como das mulheres que não desejam amamentar. Importante se faz destacar que homens trans e pessoas não-binárias também podem engravidar e amamentar, ou optar por não fazê-lo. Mas, em respeito às categorias de gênero e inclusão destas, faz-se necessária a utilização da denominação leite humano e não leite materno. Todavia, esta pesquisa se deu a partir do contexto da amamentação vivenciada por mulheres cisgêneras.

Esta pesquisa buscou responder à seguinte pergunta: Quais os fatores psicossociais relacionados à não amamentação que influenciam na maternidade? Justificando-se pela importância da identificação dos fatores relacionados à não amamentação, que influenciam na maternidade, e sua relação com os aspectos psicoemocionais que rodeiam a mulher no ciclo reprodutivo. A partir desta identificação, pode-se intervir e auxiliar a mulher no processo de decisão de amamentar ou não, bem como no enfrentamento das dificuldades e pressões pelas quais a mulher pode passar no período destacado.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

- Destacar os fatores psicossociais relacionados à não amamentação que influenciam na maternidade.

2.2 ESPECÍFICOS

- Discutir os fatores psicológicos decorrentes da amamentação relacionados à maternidade;
- Relacionar os desafios da amamentação;
- Identificar o sofrimento psicológico das mães que não amamentam.

3 ASPECTOS PSICOLÓGICOS DA MATERNIDADE

A maternidade, como a vemos hoje, passou por muitas transformações. De acordo com Badinter (1985), na idade medieval europeia existia uma prática comum entre as mulheres puérperas: a entrega de seus filhos recém-nascidos, muitos deles com apenas horas de vidas, para outras mulheres, com a finalidade de amamentação, as chamadas amas de leite. A autora ainda expõe que essa prática era feita de forma tão comum que algumas mulheres só recebiam as crianças cinco anos depois, ou até mesmo havia as que recebiam apenas a notícia da morte precoce de seus filhos, e seguiam suas vidas como antes, não havendo sofrimento significativo, tratando esses eventos como algo natural para a sociedade da época (BADINTER, 1985).

Nessa visão contextual, Moreira (2009) aponta que a mudança cultural de cuidado com os recém-nascidos por parte das próprias mães, de zelar pela saúde e segurança das crianças, outrora com as taxas de mortalidade bem acentuada, só se deu pelas imposições das autoridades de saúde, havia, pois, regras normativas de como as mulheres deveriam se comportar para serem boas mães. Importante se faz destacar que tais imposições deram-se em decorrência da necessidade de políticas públicas que resultassem em crianças capazes de desenvolver-se e se tornarem adultos saudáveis e capazes de prestar serviços, contribuindo assim com o aumento da mão de obra necessária para o sistema capitalista (MOREIRA, 2009; BADINTER, 1985).

Badinter (1985) esclarece que foi a partir da imposição ao cuidado com o filho e o ato de amamentar que se iniciou a cultura da mãe cuidadosa, devendo ter todas as responsabilidades do sustento e criação do filho e, em contrapartida, ganhou também uma espécie de pedestal honroso por exercerem esse papel maternal.

De acordo com Brenes (1991), as mulheres de classes sociais mais elevadas continuaram a fazer o papel da mãe de forma superficial, eximindo-se das atividades mais inerentes a prática de cuidados, uma vez que elas contratavam outras mulheres que recebiam para fazer o exercício de cuidado materno. Longe dos olhos da sociedade, essas crianças continuavam a ser cuidadas por outras mulheres, o afastamento e a morte precoce de seus filhos ainda eram vistos de forma natural por essas mulheres.

Nesse sentido, Resende (2017) aponta que a maternidade é marcada por imposições sociais que perpassam os séculos e seria fruto dos múltiplos cenários nas quais as mulheres eram inseridas. Assim sendo, o ato do cuidado materno não era algo natural, mas fruto de

um pensamento coletivo decorrente de discursos externos, bem como uma imposição do cuidado.

Longe do cenário imposto pela maternidade europeia, aqui no Brasil, na época em que a república governava, era comum o pensamento de que a mulher, tal qual a sagrada religião, deveria exercer a maternidade, bem como a função de educar as crianças, exercendo uma incumbência missionária (DE ALMEIDA, 2011).

Diante dessa imposição social, Iaconelli (2015) afirma que a maternidade ultrapassa a forma biológica, gerar somente não faz dessa mulher uma mãe, como a sociedade hoje em dia aponta que ela seja, porque esse vínculo maternal precisa ser construído, passível de mudanças, de acertos e erros, dependendo de como a construção interna dessa mulher se deu, bem como ela internalizou suas experiências com esse papel, experiências essas que podem ser positivas ou negativas, que se faz essencial não romantizar a maternidade.

3.1 HISTÓRICO DA AMAMENTAÇÃO

Badinter (1985) salienta que mulheres do século XVIII, consideram a amamentação como uma coisa desagradável que a afastaria de sua figura feminina; o cheiro do leite impregnado em seu corpo; eram vistas como uma forma suja que afastaria seus maridos delas, haja vista que a sociedade na época valorizava muito mais o marido que os filhos.

O recém-nascido era apontado como estorvo, um empecilho ao relacionamento, pois a mulher não teria tempo de cuidar e mimar seus maridos, condição imposta pela sociedade patriarcal, em que o homem determinava as regras no lar. Outra coisa que as faziam não amamentarem seus filhos era o impedimento de participar das comemorações e movimentos sociais da época. No entanto, todas essas atitudes não as condenavam como mães más, porque fazia parte da cultura social da época.

Visto que a amamentação é uma prática tão biológica quanto social, a qual em textos antigos já se falava nessa prática como forma de receber alguma recompensa financeira por amamentarem filhos de outras mulheres. Assim também, a sociedade europeia dos séculos XVII considerava natural a prática de oferecer serviços de amamentação mediante pagamento, como também as mulheres puérperas consideravam comum enviar seus filhos para as amas de leite, que eram mulheres que viviam em condições miseráveis e, muitas vezes, não tinham condições de cuidarem dos seus próprios filhos ou que sequer tinham filhos, ou seja, não produziam leite. Porém, essas condições não

eram vistas como empecilho, bem como a falta de cuidado e higiene para bebês (BADINTER, 1985).

Por sua vez, Freyre (2006) identifica a prática das amas de leite na sociedade colonial brasileira. Às escravas negras era delegado o dever de amamentarem os filhos das suas senhoras brancas e ricas, assim se repetia em terras brasileiras os costumes europeus. Bosi (2005) evidencia que o exercício de amamentar se deu por meio histórico e cultural que se alternava hora em desaconselhado para as mulheres, hora aconselhado por departamentos governamentais, em diferentes contextos.

É interessante observar que, conforme aborda Sales (2015), o incentivo ao aleitamento materno foi discutido, perpassado por gerações, alicerçado pelo discurso histórico e idealização de maternidade e bondade materna.

3.2 DESAFIOS DA AMAMENTAÇÃO

A sociedade europeia do século XIX seguia as recomendações impostas pelas autoridades de saúde, pois obrigavam as mulheres a amamentarem seus filhos, deixando de lado a cultura das amas de leite, outrora muito utilizada. No entanto, de modo geral, essa imposição foi posta para introduzir comportamentos na figura feminina. Utilizando o suposto saber, a sociedade científica começou a produzir uma mulher e mãe ideal (DOS SANTOS MONTEIRO, 2011).

Para Badinter (1985), diversos fatores influenciavam a falta de desejo das mulheres em amamentarem. Todavia, alguns deles sobressaiam-se aos outros, como o olhar para o corpo feminino e suas transformações, a falta de liberdade que incluíam as festas e comemorações sociais e o receio de perderem seus maridos; por se tornarem menos atraentes com o odor do leite materno exalando nos seus corpos, bem como recomendações médicas de se resguardarem da prática sexual para não prejudicar o leite materno, uma vez que eram difundidas informações acerca da relação negativa entre o fluido sexual masculino e o leite materno, levando às mulheres a acreditar que o contato com o referido fluido provocaria a redução na produção do leite materno.

Neste contexto, Dos Santos Monteiro (2011) aponta que já no século XX as mulheres descobriram uma forma de liberdade feminina em relação à maternidade e a amamentação. As explicações de que a produção do seu leite não era suficientemente forte para sustentar a criança foi bastante utilizado pelas mulheres que não queriam amamentar.

Usando esses termos que lembravam frases médicas e a saúde do filho, livrar-se-iam das acusações da sociedade que exigia que a mulher amamentasse e fosse mãe em tempo integral.

Nesse sentido, Sales (2015) aponta a discussão de como a sociedade tinha o olhar voltado para a mulher e como ela deveria se comportar em relação ao seu esposo; de como alimentar e cuidar de seus filhos; de como se tornar a figura feminina as quais as figuras masculinas impunham.

Em relação à submissão feminina e maternal vivida outrora, bem como neste século, Da Silva Quirino (2011) descreve que anuências da amamentação vêm acompanhadas também do ato social. Para o autor, esse é um processo que, apesar de ser tachado como natural do corpo da mulher, foi passado de geração em geração como cultura. No entanto, precisa ser pensado, desejado e decidido pela própria mulher em fazê-lo ou não fazê-lo.

Nesse sentido, a pesquisa liderada por Rocha (2018) faz algumas considerações sobre os sentimentos relacionados entre a mulher e a amamentação. A comunidade materna estudada apontou sentimentos que correlaciona à inépcia de amamentar aos sentimentos negativos, processo doloroso que a priva do sentido de liberdade, e outras do sentimento de produção insuficiente da lactação, gerando frustração.

Como supracitado, Barbosa (2003) conclui a existência de diversos sentimentos envolvidos em relação à amamentação, visto que na cultura atual se propaga que amamentar seria um exercício de amor. Desse modo, as mulheres que não desejam amamentar passam a enfrentar um momento conflituoso e doloroso mentalmente, pois há preconceito sobre as mulheres que tomam essa decisão e precisam afirmar em ambientes médicos ou de saúde que as mesmas não desejam amamentar, gerando assim sentimentos ambíguos e de frustração. Assim, Badinter (2011) considera que a mulher se vê em dualidade do sentimento maternal. Nessa perspectiva, nasce um sentimento culposo, silencioso e íntimo apontado pela cultura da mãe modelo. Uma vez gerado na mulher essa ideiação, fica difícil ela separar o seu desejo se advindo enquanto mãe ou se a ação foi imposta por uma cultura criando um sentimento conflituoso.

Portanto, é imprescindível a compreensão de todos os aspectos que envolvem o ato de amamentar e as influências que reverberam diretamente na qualidade de vida e na saúde mental, bem como os fatores psicossociais que atuam direta ou indiretamente no contexto da maternidade, vista pela própria mulher puérpera, e como ela se vê diante dos fatos sociais nos quais estamos todos envolvidos. É necessário ainda que a mulher esteja consciente de

todas as decisões que envolvem a maternidade, para que não esteja alienada, e saiba identificar o que seriam seus desejos ou o que seriam o desejo de terceiros, uma vez que elas podem tomar parasi próprias, sem sequer perceber as influências externas, advindas da sociedade, no papel maternal.

3.3 SOFRIMENTO PSICOLÓGICO DAS MÃES QUE NÃO AMAMENTAM

Ao contrário de outros mamíferos, para a mulher, a amamentação não se dá apenas por instinto, mesmo que jorre leite do seu seio, a amamentação deverá ser aprendida, a chamada pega correta, rede de apoio e, sobretudo, ter significado, para que a mulher consiga alimentar o recém-nascido. A mulher pode optar por não amamentar, mas ainda que seja seu desejo amamentar, podem acontecer fatores que dificultam o ato tais como doenças prévias na mãe, mastite, feridas nos mamilos, anomalias no bico dos seios, entre outras intercorrências (DA SILVA QUIRINO, 2011).

Nesse contexto, uma mulher que desejou e programou a amamentação do seu filho quando estava ainda gestante, pode ser surpreendida com os fatores supracitados, que podem a impedir de amamentar como ela gostaria e, como se sabe essa atividade não é somente um ato biológico, mas também sentimental e cultural, a não amamentação em alguns casos gera muito sofrimento psicológico para as mulheres (DA SILVA QUIRINO, 2011).

De acordo com Moreno (2006) quando uma mulher não consegue amamentar seu filho, surgem sentimentos que dificultam a aceitação do fato de não amamentar, entre eles estão a sensação de incompletude, o desapontamento, a tristeza, a raiva e a culpabilidade, além de visão de que não seria uma mãe como deveriam ser, além de fatores externos e normas sociais impostas no decorrer da história da maternidade, podendo levar assim a sofrimentos psicológicos pela subjetividade.

Segundo Lima (2019) mulheres puérperas que são portadoras do vírus da imunodeficiência humana sofrem preconceitos das sociedades por não amamentarem seus filhos, a desvinculação do contato biológico do ato de alimentar seus filhos, a falta de orientação também gera nessas mulheres sentimentos negativos e sofrimentos psicológicos citados por algumas mulheres que o sofrimento nas quais estão vivenciando seria um ato de amor para com seus filhos.

A desinformação de que o ato de deixar de amamentar quebra o vínculo afetivo e sentimental para com as crianças recém-nascidas dificulta um olhar mais voltado para si

mesmas gerando um gatilho de negatividade e tristeza, no entanto, os filhos e as mães precisam dessa compreensão por não amamentar e dessa afetividade no período do puerpério (LIMA, 2019).

Este movimento ambíguo na qual a sociedade aponta, para que as mulheres se apresentem como mães perfeitas que cuidam, que orientam e que querem estar sempre aos lado dos filhos; em contra partida a mesma sociedade quer esta mulher inclusa, plena na profissão e trabalhando como se não precisasse estarem presentes na vida dos filhos (BADINTER, 2011).

Como aponta Faria (2017) outros fatores não biológicos influenciam a não amamentação exclusiva em mães que participaram de uma pesquisa sobre o aleitamento materno, em que 47% das mães entrevistadas nas quais não amamentavam seus filhos não o fez porque houve necessidades financeiras de retornarem para o mercado de trabalho antes do prazo mínimo de amamentação orientados pelas autoridades de saúde.

Fatores atípicos e temporários impedem a mulher de amamentar mesmo que estas ainda queiram a amamentação exclusiva do filho, como por exemplo, quando são acometidas do vírus COVID-19, e estas quando retornam da quarentena, sofrem muitas vezes fisicamente quando desejam produzir o leite novamente além de alguma dor física, devem estimular exaustivamente as mamas 24 horas por dia este fato foi apontado por o mais sofrido (PRADA, 2020).

Quando acontece o óbito infantil é necessário desenvolvimento da compreensão da mãe iludada frente ao acontecimento da morte do recém nascido é processo individual e subjetivo na qual cada mulher reage de modo diferente levando em conta suas vivencias seu histórico familiar bem como a aceitação de se mesma, frente a essa realidade deve-se levar em conta o desejo da mãe continuar a produzir o leite humano, algumas expressam o desejo de continuar a lactação e fazerem a doação como forma de ressignificar a dor da perda (CASELLATO, 2015).

No entanto a equipe de apoio ou de saúde deve ter muita cautela quando se tocar no assunto de incentivo a mulher que perdeu o filho e está no processo de luto pois a forma de interiorizar a o momento doloroso é distinto para cada pessoa, umas entendem como forma de ressignificação para outras esse processo é um motivo de lembrar a angustia na qual estar vivendo, a informação é importante mas a decisão cabe somente a mulher sem pressão e sem apelos (CASELLATO, 2015).

3.4 PRINCIPAIS FATORES QUE IMPACTAM NA NÃO AMAMENTAÇÃO

O corpo biológico da mulher possui naturalmente características que possibilitam a produção de leite materno e, conseqüentemente, a amamentação, salvo, algumas poucas exceções fisiológicas ou de comorbidades como mulheres cirurgiadas, entretanto, existem fatos que afetam de forma significativa a amamentação, que podem ser de cunho social, envolvendo a sociedade na qual essa mulher está inserida, a história que viveu, o suporte familiar, a rede de apoio; além de situações específicas, influenciadas por fatores socioeconômicos, que também rodeiam a prática da amamentação (ROLLINS, 2016).

As mulheres que possuem um trabalho externo às suas casas tendem a deixar de amamentar mais cedo ou não amamentar. É importante destacar os dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), que apontam que apenas 23% das mães que trabalham foram de suas residências amamentam até os 18 meses, por falta de incentivo das empresas e da sociedade para uma flexibilidade entre o trabalho formal e a prática da amamentação, além da falta de apoio do parceiro ou parceira, seguida da família que se configuram como um fator importante para o evento supracitado (ROLLINS 2016).

Outro fato que se deve ser destacado é a lei de licença maternidade onde a maioria das empresas fornece quatro meses de licença, entretanto as organizações de saúde afirmam a recomendação de seis meses de aleitamento exclusivo, nesse sentido a contradição do mundo capitalista reflete com mais ênfase nas mulheres que desejam esse aleitamento exclusivo (OLIVEIRA, 2003).

Outra pesquisa feita no vale do Jequitinhonha, localizado em uma região pobre do Estado de Minas Gerais, concluiu que apenas 52% das mulheres que deram à luz naquela localidade amamentaram exclusivamente os seus filhos até o sexto mês de vida (RODRIGUES, 2020).

Para além dos fatores já mencionados, destaca-se também que as mulheres que tiveram uma experiência negativa na primeira gestação tendem a temer o processo por receio de vivenciar novamente as angústias, desse modo, acabam por não querer amamentar de forma exclusiva, haja visto que, geralmente, não têm suporte médico ou psicológico de fácil acesso e acabam por deixar que a experiência de outrora seja decisiva para a não amamentação (ROLLINS 2016).

Nesse sentido, o apoio profissional também impacta na escolha materna, pois as mulheres que realizam pré-natal de forma contínua e de qualidade, seguido de acompanhamento de equipes multiprofissionais tendem a amamentar mais. Apontando

também que o número de consultas na gestação influencia a decisão da mãe (RODRIGUES, 2020).

O pesquisador Da Silva Quirino (2011) aponta que é comum surgirem diversas alterações mamárias ou outro tipo de intercorrências biológicas, que causam desconforto ou doenças nas mães puérperas, de tal modo que influenciam essas mulheres na decisão de não amamentar. O mesmo autor cita uma pesquisa feita na região do Cariri cearense, pela Universidade Regional do Cariri, apontando que as mulheres que deixaram a amamentação exclusiva pelas intercorrências mencionadas são mulheres jovens, que ganham entre um e dois salários mínimos, que estavam na primeira gestação completa e que tinham escolaridade baixa ou incompleta.

Atrelado às dualidades maternas, existem também dificuldades decorrentes da própria criança para que aconteça a amamentação da forma natural, a exemplo das crianças que nasceram com microcefalia, originárias da transmissão da Zica vírus pela mãe na gravidez. Neste caso, algumas mulheres relatam medo e insegurança no momento da amamentação, pelo baixo peso da criança, por má formação do aparelho digestivo, pela possibilidade de engasgo e, também, pelo estresse da criança e da mãe na hora de levar a criança ao seio para mamar, sendo ponderantes e importantes para que muitas mulheres não mais amamentassem (SANTO, 2019).

Amorim (2019) aponta que 60% das crianças com fissuras labiopalatinas tiveram muitas ocorrências e dificuldades no momento da amamentação destas, 96 % das mães só tomaram conhecimento da condição do bebê na hora do nascimento, e quando a dificuldade da alimentação foi percebida, a maneira de alimentar o filho se deu a maioria das vezes pela e mamadeira.

A não amamentação no seio pela crianças com fissuras lábio leponinas, se dá na maioria das vezes por falta de conhecimento da mãe e instruções da maneira certa de colocar a crianças com essa condição corretamente no seio, acontecendo assim engasgo, regotinação por exemplo, desta forma muitas mulheres desenvolvem o medo extremo, estres e ansiedades no momento da lactação, e por fim optam por não amamentarem (AMORIM,2019).

Além de toda modificação biológica que acompanha as mulheres que estão gerando ou que estão puérperas, acontecem mudanças sociais e de dinâmica familiar, bem como o relacionamento dessa mulher com o seu corpo, com seu cônjuge e com a busca do retorno ao corpo anterior à gestação, além da aceitação da terceira pessoa no convívio familiar, pois a chegada de uma criança pode causar desajuste no sexo e na rotina do casal, bem como todas as angústias e ambivalências maternas, incluindo a hora da amamentação e a forma como essa

responsabilidade é introduzida na cultura em que essa mulher está inserida (ZANATTA, 2017).

4 METODOLOGIA

O presente estudo contou-se de uma pesquisa do tipo exploratório descritiva, por meio de revisão narrativa bibliográfica, com abordagem qualitativa. Esta pesquisa utilizou os fatores da amamentação que influenciam na maternidade como pilar fomentador para sua realização. Em função dos objetivos deste estudo, e tomando como base Gil (2002), a pesquisa foi classificada como exploratória por estar diretamente relacionada com os fenômenos de atuação prática e por proporcionar uma nova visão da questão de pesquisa, bem como descritiva por descrever características de uma população, amostra, contexto ou fenômeno. Para Gil (2017) pesquisas descritivas buscam levantar a opinião, atitudes e crenças de uma população.

Utilizou-se da Revisão Narrativa (RN) por ser uma forma de revisão de literatura não sistematizada, importante para buscar atualizações a respeito de um determinado assunto dando ao revisor suporte teórico em curto período (BOTELHO, 2011). A pesquisa bibliográfica, com base em material publicado, tem a vantagem de permitir uma cobertura ampla dos fenômenos estudados, bem maior que a possibilidade que o pesquisador teria de investigar diretamente (GIL, 2002).

Aprofundando conceitos sobre os tipos de pesquisas, Silva e Menezes (2000), apontam que a pesquisa qualitativa considera que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, ou seja, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser quantificado. A apresentação de significados e a interpretação dos fenômenos são básicos dentro do processo qualitativo. O processo e seu significado são os focos principais de abordagem, no qual o pesquisador é o instrumento-chave e o ambiente natural é a fonte direta para coleta de dados.

O levantamento bibliográfico para a construção deste estudo foi realizado utilizando-se as palavras-chave: “amamentação”, “ciclo reprodutivo”, “maternidade” e “psicologia”, a partir de consulta realizada nas bases de dados virtuais Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Além dos artigos, foram também considerados livros encontrados em bibliotecas virtuais e físicas.

Os textos encontrados foram selecionados pela leitura do título e resumo, considerando os que atendiam à problemática da pesquisa. Após a identificação dos resumos, foi considerado como critério de exclusão a não disponibilidade online do texto completo e a

incompatibilidade com o objetivo proposto. O ano de publicação não foi estipulado como critério para inclusão ou exclusão, na tentativa de selecionar um número maior de artigos. Após a seleção dos textos, foi realizada realizada leitura do material na íntegra para a construção do trabalho propriamente dito.

A análise de dados foi realizada a partir do método de análise de conteúdo de Bardin (2010), sendo esse um agrupamento de método com a finalidade de compreender as falas e comunicação do objeto pesquisado, seguindo todas as etapas da referentes à metodologia e orientações do método, perpassando as de pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação deste (BARDIN, 2010).

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Durante a análise dos dados foi possível identificar três categorias que envolvem os aspectos psicossociais da não amamentação, sendo estes fatores que influenciam diretamente ou indiretamente processo da amamentação, bem como as decisões das mulheres no período puerperal, incluindo amamentar ou não.

Categoria 01 – Aspectos Biológicos

Quando se trata de mulheres que se sentem bem e saudáveis e, mesmo assim, não podem amamentar, a exemplo de mulheres portadoras do AIDS ou soropositivas, os sentimentos envolvidos na maternidade e na amamentação são resultantes da angústia e do medo da transmissão e contágio vertical para o bebê, que se tornam maiores que os sentimentos relacionados ao parto e à amamentação, tornando-o mais sofrido e triste, superando até a dor física (HERNANDES, 2018).

Juntamente com esse sentimentos de angústia a mulher começa a se sentir insuficiente. Relatos que apontam para uma incompletude quando a criança no colo da mãe portadora de HIV começa a instintivamente procurar o seio e o movimento de amamentação não pode acontecer, gera nesta mulher uma tristeza perceptível (LIMA, 2019).

É importante pontuar fatores que envolvem acontecimentos de saúde inesperados como a ocorrência do vírus da COVID-19 nas mães puérperas, o que pode resultar em interrupção da amamentação. Importante se faz considerar a existência do medo e a insegurança em retomar ou continuar a amamentação, além dos casos em que pode surgir dificuldade na produção do leite (PRADA, 2020).

Mulheres que tiveram crianças com microcefalia apontaram medo de sufocar a criança pela falta de conhecimento e orientação, bem como algumas delas apresentavam baixo peso dificultando assim para a mulher inesperiente e longe do ambiente hospitalar continuarem essa amamentação sozinhas em suas casas (CRUZ, 2021).

Outra forma que se deve ser pensada é a questão das puérperas que tem seus filhos com lábios leporinos, como citado anteriormente que a maiorias dessas mulheres não tinham conhecimento prévio dessas questões de saúde de seus filhos, e que quando aparecem dificuldades no momento da alimentação o medo de engasgar ou de não saberem colocar a pega certa das mamas é um dos fatores que sugerem a não amamentação (AMORIM, 2019).

O impacto social e psicológico frente a falta de possibilidade de amamentar seu filho gera em cerca de 70% das mães um sentimento culposos e angustiante, algumas relatam sentimentos depressivos mesmas afirmam que foram orientadas no pré-natal sobre o aleitamento materno bem como que a grande maioria só teve orientação nas próprias consultas que antecedem o parto e que 80% não tem acompanhamento psicológico (SILVA JARDIM, 2019).

Nesse sentido é interessante pontuar que todas as mulheres na pesquisa acima referida tiveram algum alterações nos mamilos causando algum tipo de desconforto, dor, ou ferimentos, e embora a equipe médica orientasse para que o aleitamento acontecesse, essas mulheres não continuaram com a lactação, os motivos mais comuns citados foram: ferimento, bico não apropriado, dores, temperatura corporal elevada, inchaço, atrelados a sentimentos culposos, desesperança, picos de tristeza, medo e angustia partir da escuta dessas mulheres é de suma importância ampliar o olhar para que se veja o ato de produzir leite materno, para além da forma biológica, mas uma visão ampliada como biopsicossocial (DA SILVA QUIRINO, 2011).

Categoria 02 - Aspectos psicológicos

Neste contexto, observa-se que 26,3% das mulheres brasileiras que pariram apresentaram sintomas de angústia e depressão que tem associação direta a fatores de desamparo social e econômico, baixa escolaridade que influencia diretamente na saúde psicológica da mulher e, conseqüentemente, interfere no ato da amamentação e na qualidade do sono do filho, na qual aponta para a necessidade da existência de políticas públicas de acompanhamento psicológico de mulheres no período puerperal (GREINERT, 2018).

Essas mulheres quando fazem atividades com suas crianças o fazem de maneira mais física que afetiva, não conseguem se vincular afetivamente com a criança e se relacionam com as mesmas, geralmente, de forma superficial, muitas nutrem sentimentos de repulsa para com o filho, não compreendem bem suas necessidades, perdem o equilíbrio emocional e constantemente afirmam sentimentos ambivalentes em relação a elas mesmos e a criança que gerou (GREINERT, 2018). Estes sentimentos ambivalentes podem ser identificados como os conflitos defensivos nos quais os afetos incompatíveis estão presentes e, segundo Freud (1910/1980), estão presentes na relação mãe e filho.

Os sentimentos que envolvem o ciclo gestacional tornam-se confusos e resultam de fatores como o aumento da carga hormonal e a mudança brusca de rotina, na qual a mulher se

sente feliz na companhia da criança e, ao mesmo tempo, tem sentimentos de exaustão, frustração, privação de sono e falta de apoio por parte do conjuge ou da família (BADINTER, 2011).

Como aponta Iaconelli (2005) quando acontece um parto traumático e com complicações para a mulher parturiente e esta, interpreta de forma negativa e ansiolítica, levando em consideração que cada pessoa tem suas subjetividades e introjeta os acontecimentos de formas diferentes. Então, quando a cena do nascimento do filho foi de forma dicotômica ou a dor e o desconforto do momento angustiante não foi resignificado, pode afetar a lactação e pode provocar insucesso na amamentação de forma inconsciente ou, até mesmo, consciente.

Nesse sentido, o mundo moderno acaba apontando o ato de amamentar como uma imposição biológica, no entanto, o ato de lactar e cuidar de forma individual e prioritária do bebê é resultado cultural do aconteceu no decorrer dos séculos, como ato social e histórico (BADINTER, 1985).

Nesse contexto, observa-se que o histórico de vida vivenciado pela mulher em todo seu processo de construção social e biológico, bem como a maneira como ela vivenciou a gestação, são fatores influenciadores no processo de não amamentarem ou de desistir da amamentação, principalmente porque esse fato ou esse episódio vem em conjunto de sentimentos nos quais a compreensão é a melhor forma de auxiliar esta mulher no período do puerpério (DA SILVA QUIRINO 2011).

Categoria 03 – Aspectos Sociais

As puéperas que não têm trabalho formal, que necessitam retornar ao trabalho com brevidade para a manutenção dos seus empregos, tendem a deixar a amamentação mais cedo, a exemplo das empegadas domésticas, manicures, vendedoras, entre outras profissões que, pela falta de recursos financeiros, precisam trabalhar para sustentar a si e a seus filhos (FARIA, 2017).

O abandono por parte do pai da criança, seguido do apontamento da sociedade capitalista, que tende a culpabilizar a mulher por gerar filhos sem planejamento, insentando o homem das responsabilidades; faz crescer a figura da mãe solo, que não tem acesso a rede apoio; bem como a imposição social de que cada mulher seja a cuidadora e geradora de subsidios para criar uma criança, também são fatores importantes na decisão ou na opção da não amamentação, uma vez que as creches e as cuidadoras são as principais referências de

apoio de muitas figuras femininas diante dos seus filhos (IACONELLI, 2005).

Para Antas (2018) o processo de gestar envolve não só o biológico, o social e uma questão cultural, na qual a maternidade compulsoria tende a deixar toda responsabilidade na figura materna, nesse sentido é preciso uma tomada de consciência das pessoas inclusive na participação da figura masculina e as divisões de responsabilidades. Desse modo, a dualidade entre ser uma mulher que é produtiva e versátil perante a sociedade contemporânea entra em conflito e dúvidas sobre o que, de fato, significa maternar, e sua adaptação ao sistema que vive em absoluto falta de nexos, em ter tempo para trabalhar fora e adequar-se à imposição social, ser um mãe presente nas fases de vida do filho, sem deixar de ter sua singularidade de mulher e profissional (PEREIRA, 2015).

Da Silva Quirino (2011) discute que o período puerpério é um momento na qual a mulher se encontra fragilizada, e pode acontecer crise de identidade, falta do cuidado pessoal ou excesso, algumas delas são afetadas pela autoimagem, ou autoestima, bem como o desejo de terem a imagem ou o corpo de outrora, a difícil aceitação pode culminar em angústias e pensamentos negativos, auto depreciação entre outros, por esses motivos é de suma importância que se tenha uma rede de apoio preparada e sensível a cada singularidade da mãe que amamenta ou que não amamenta, independente do motivo para tal.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das três categorias apontadas nos resultados deste estudo, é possível identificar que o sofrimento psicológico está presente nas mulheres que não amamentam, seja por opção ou por impedimento fisiológico ou social.

São apontados os aspectos biológicos e relacionados à saúde, que incluem doenças crônicas e transmissíveis como HIV, doenças pontuais como a COVID-19, condições biológicas da própria criança como microcefalia e deformidades lábio leporino, também foram encontradas fatores do próprio seio da mulher como ferimentos e mastites, febre e dores fortes nas mamas.

O segundo aspecto que leva à não amamentação está relacionado aos fatores psicológicos como medo, angústia, tristeza, depressão e insucesso na gestação anterior, além de sentimentos ambíguos frente à maternidade e angústia de se distanciar da figura do corpo feminino desejado.

O último aspecto identificado envolve fatores sociais influenciadores da não amamentação tal como falta de apoio familiar e social, condições financeiras insuficientes para manter-se distante do trabalho e amamentar exclusivamente, além de imposições sociais e a visão da sociedade sobre a mulher e mãe, bem como a concepção de que o ato de engravidar não faz com que a mulher sinta-se mãe ou feliz ao amamentar uma criança já que não é apenas um ato biológico, mas sim uma construção social que deve considerar a singularidade de cada mulher.

Desse forma, considerando os fatores biológicos, sociais e psicológicos que envolve a não amamentação, sugere-se que sejam pensadas estratégias de apoio às mulheres que não amamentam, a fim de diminuir o sofrimento psicológico vivenciado pelas mães que não amamentam, tal como treinamento dos profissionais da atenção primária à saúde para não só incentivar o aleitamento, mas também apoiar as mulheres que não podem ou não desejam fazê-lo; bem como implantar a consulta psicológica no puerpério como rotina para todas as pessoas que tiverem filho; além do fortalecimento das redes de apoio ao período puerperal considerando as individualidades e dificuldades enfrentadas por cada pessoa que tem filho.

REFERÊNCIAS

ABUCHAIM, E. **Vivenciando a amamentação e a sexualidade na maternidade**: dividindo-se entre ser mãe e ser mulher. Orientador Isilia Aparecida Silva.. 2005. 191f. Tese (Doutorado em Enfermagem). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em 02 de maio de 2021. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/83/83131/tde-01122005-132140/publico/erika_abuchaim.pdf>.

AMORIM, Sabrina Maria Ribeiro *et al.* A prática do aleitamento materno em crianças com fissuras labiopalatinas. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 11, n. 5, p. e296-e296, 2019. Disponível em: <<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/296/180>>. Acesso em 29 de outubro de 2021.

ANTAS, Kátia Cordeiro; DE SÁ ALMEIDA, Liz Maria Teles; ALMEIDA, Márlon Vinícius Gama. DE COMO A MATERNIDADE ME FEZ CONHECER O CÉU E O INFERNO: relato de experiência sobre o processo de maternagem de uma mãe desnaturada. In: **13º Congresso Internacional Rede Unida**. 2018. Disponível em: <<http://conferencia2018.redeunida.org.br/ocs2/index.php/13CRU/13CRU/paper/view/3479/>>. Acesso em 29 de outubro de 2021.

BADINTER, E. **O conflito**: a mulher e a mãe. Tradução de Vera Lúcia dos Reis. Rio de Janeiro: Record, 2011.

BADINTER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARBOSA, Tânia Maura. **Um desmame peculiar**: conflitos da mulher em relação ao desmame. 2003. Disponível em: <<https://site.ucdb.br/public/md-dissertacoes/7817-um-desmame-peculiar-conflitos-da-mulher-em-relacao-ao-desmame.pdf>>. Acesso em 30 de maio de 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa, 2010.

BOSI, Maria Lúcia Magalhães; MACHADO, Márcia Tavares. Amamentação. **Cadernos ESP-Revista Científica da Escola de Saúde Pública do Ceará**, v. 1, n. 1, p. 14-22, 2005. Disponível em: <<https://cadernos.esp.ce.gov.br/index.php/cadernos/article/view/5/4>>. Acesso em 13 de maio de 2021.

BOTELHO, L. L. R., CUNHA, C. C. A., MACEDO M. **O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais**. *Gestão e sociedade* [Internet]. 2011. Disponível em: <<https://www.gestaoesociedade.org/gestaoesociedade/article/view/1220/906>>. Acesso em: 29 de outubro de 2021.

BRENES, Anayansi Correa. História da parturição no Brasil, século XIX. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 7, p. 135-149, 1991. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/xFmLWvbx9BRGyJXW38gFXpP/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em 05 de maio de 2021.

CASELLATO, G. **Luto não autorizado: o fracasso da empatia nos tempos modernos**. Suporte psicológico ao luto não reconhecido. São Paulo: Summus, v.1, p. 15-28, 2015. Disponível em: <hrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=http%3A%2F%2Fnic Saud e.com%2Fassets%2Fresgate_empatia.pdf&clen=1392738&chunk=true>. Acesso em 30 de outubro de 2021.

DA SILVA QUIRINO, Lilianny *et al.* Significado da experiência de não amamentar relacionado às intercorrências mamárias. **Cogitare Enfermagem**, v. 16, n. 4, 2011. Disponível em: <<https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/21927/17049>>. Acesso em 10 de maio e 2021.

DE ALMEIDA, Jane Soares. Professoras virtuosas, mães educadas: retratos de mulheres nos tempos da República Brasileira (séculos XIX/XX). **Revista HISTEDBR On-Line**, v. 11, n. 42, p. 143-156, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639871/7434>>. Acesso em 05 de maio de 2021.

DE PAULA, Meliana Gisleine et al. Enfrentamento de puérperas HIV positivas relacionado ao ato de não amamentar. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 17, n. 1, p. 136-42, 2015. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/fen/article/view/23949/18957>>. Acesso dia 05 de junho de 2021.

DOS SANTOS MONTEIRO, Juliana Cristina; NAKANO, Ana Márcia; GOMES, Flávia Azevedo. O aleitamento materno enquanto uma prática construída: Reflexões acerca da evolução histórica da amamentação e desmame precoce no Brasil. **Investigación y educación en enfermería**, v. 29, n. 2, p. 315-321, 2011. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/1052/105222400013.pdf>>. Acesso em 30 de maio de 2021.

FARIA, Flavio Cunha et al. principais causas da não amamentação exclusiva das mulheres assistidas pelo esf santana na cidade de manhuaçu, minas gerais. **Pensar Acadêmico**, v. 15, n. 2, p. 147-159, 2017. Disponível em: <<http://pensaracademico.facig.edu.br/index.php/pensaracademico/article/view/332/298>>. Acesso em 20 de agosto de 2021.

FREUD, S. (1910/1980). Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância. Obras Completas, **ESB**, v. XI. Rio de Janeiro: Imago.

FREYRE, G. **Casa Grande e Senzala**. São Paulo: Global, 2006. Disponível em:

<https://gruponsepr.files.wordpress.com/2016/10/freyre_gilberto_casa_-_grande_senzala.pdf>. Acesso em 30 de abril de 2021.

GEERTZ, C. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1998. Disponível em: <<http://arquivos.eadadm.ufsc.br/videos/modulo4/Antropologia/material/A%20Interpretacao%20das%20Culturas.pdf>>. Acesso em 13 de maio de 2021.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª edição. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, Antonio Carlos. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**, 6ª edição. São Paulo, Atlas, 2017.

GIORDANI, R. C. F. *et al.* Maternidade e amamentação: identidade, corpo e gênero. **Ciênc. Saúde Colet**, v. 23, n. 8, p. 2731-2739, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/KZhJQYmsrLzJz98wWn8ZzYq/?lang=pt>>. Acesso em: 13 de maio de 2021.

GIORDANI, R. C. F. O corpo sentido e os sentidos do corpo anoréxico. **Rev. Nutrição**, v. 22, n. 6, p. 809-821, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rn/a/bcCW6STyZjQLqQDq7SbHCxv/?lang=pt>>. Acesso em 13 de maio de 2021.

GREINERT, Bruna Rafaela Milhorini et al. **A relação mãe-bebê no contexto da depressão pós-parto: estudo qualitativo**. **Saúde e Pesquisa**, v. 11, n. 1, p. 81-88, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/5919/3168>>. Acesso em 15 de outubro de 2021.

HERNANDES, Cristiane Pimentel *et al.* Análise qualitativa dos sentimentos e conhecimentos acerca da gestação e do HIV em gestantes soropositivas e soronegativas. **Journal of Health & Biological Sciences**, v. 7, n. 1 (Jan-Mar), p. 32-40, 2018. Disponível em: <<https://periodicos.unichristus.edu.br/jhbs/article/view/2211/801>>. Acesso em 15 de outubro de 2021.

IACONELLI, Vera. **Mal-estar na maternidade: do infanticídio à função materna**. 2013. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. doi:10.11606/T.47.2013.tde-07052013-102844. Acesso em: 05 de maio de 2018.

IACONELLI, Vera. Maternidade e erotismo na modernidade: assepsia do impensável na cena do parto. **Revista Percurso**, v. 34, p. 77-84, 2005. Disponível em <<chrome-extension://efaidnbmninnibpcjpcglclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=http%3A%2F%2Finstitutogerar.com.br%2Fwp-content%2Fuploads%2F2017%2F02%2Fmaternidade-e-erotismo-na->

contemporaneidade.pdf&cflen=284981&chunk=true>. Acesso em 02 de outubro de 2021.

LIMA, Camila Neves; RÊGO, Héllen Cristhina Lobato Jardim; MORAES, Lilia Pimenta de. Aleitamento materno: a visão de puérperas soropositivas para hiv e htlv quanto a não amamentação. **Nursing (São Paulo)**, p. 2583-2586, 2019. Disponível em: <<http://www.revistanursing.com.br/revistas/248/pg35.pdf>>. Acesso em 20 de agosto de 2021.

MOREIRA, Renata Leite Cândido de Aguiar. **Maternidades**: os repertórios interpretativos utilizados para descrevê-las. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2009. Disponível em: <<https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/17071/1/Renata%20Moreira.pdf>>. Acesso em 10 de maio de 2021.

MORENO, Cirlei Célia Gomes Sanchez; REA, Marina Ferreira; FILIPE, Elvira Ventura. Mães HIV positivo e a não-amamentação. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 6, p. 199-208, 2006. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/vKCF87cg6xC44Th6B4yWDYz/?format=pdf&lang=pt>>. n. 6, p. 809-821, 2009. Acesso em 13 de maio de 2021. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rn/a/bcCW6STyZjQLqQDq7SbHCxv/?lang=pt>>. Acesso em 20 de agosto de 2021.

OLIVEIRA, Roseane Leite de; SILVA, Adriana Nobre. Aspectos legais do aleitamento materno: cumprimento da lei por hospitais de médio e de grande porte de Maceió. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 3, n. 1, p. 43-48, 2003. Disponível em: <<chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=https%3A%2F%2Fwww.scielo.br%2Fj%2Frbsmi%2Fa%2FLjJsyxQ9MM7TF3X5nHsxzC%2F%3Fformat%3Dpdf%26lang%3Dpt&cflen=108721&chunk=true>>. Acesso em 30 de agosto de 2021.

PARADA, C.M.G.L; TONETE, V.L.P. Experiência da gravidez após os 35 anos de mulheres com baixa renda. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm**, v.13, n.2, p. 385-392, abr./jun. 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ean/a/8HhYGpmjTgJbphJ7LCVcCQc/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em: 06 maio 2021.

PEREIRA, Cristina; PINTO-COELHO, Zara. **Maternidade e parentalidade**: reconfigurações e conflitos ideológicos. In: PINTO-COELHO, Zara; MARTINS, Moisés de Lemos; MANUEL BAPTISTA & SARA MAIA (Eds.). Representações e Práticas de Gênero. Braga: CECS. 2015. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcgclefindmkaj/viewer.html?pdfurl=https%3A%2F%2Frepositorium.sdum.uminho.pt%2Fbitstream%2F1822%2F40165%2F1%2FCP_ZPC_2015_representacoes-genero.pdf&cflen=569225>. Acesso em 05 de novembro de 2021.

PRADA, Ana Paula et al. Relactação: promover a amamentação em mães separadas dos filhos

devido à COVID-19. **Enfermagem em Foco**, v. 11, n. 2. ESP, 2020. Disponível em: <<http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/3736/1013>>. Acesso em 20 de agosto de 2021.

RESENDE, Deborah Kopke. Maternidade: Uma construção histórica e social. **Pretextos-Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 2, n. 4, p. 175-191, 2017. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15251/11732>>. Acesso em 19 de maio de 2021.

ROCHA, Gabriele Pereira *et al.* Condicionantes da amamentação exclusiva na perspectiva materna. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 34, e00045217, 2018. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csp/a/BNcfBWcdjmSWptYdpH8nvtS/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em 6 de maio de 2021.

RODRIGUES, Cíntia Maria *et al.* Amamentação exclusiva e seus fatores condicionantes no Vale do Jequitinhonha e Mucuri. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 11, 2020. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BRJD/article/view/20460/16699>>. Acesso em 14 de outubro de 2021.

ROLLINS, Nigel C. *et al.* Por que investir e o que será necessário para melhorar as práticas de amamentação. **Epidemiol. serv. saúde**, v. 387, n. 21, p. 25-44, 2016. Disponível em: <<http://maternidadesemneura.com.br/wp-content/uploads/2017/11/investimento.pdf>>. Acesso em 14 de outubro de 2021.

SALES, Adalene Torres Barreto; COUTINHO, Denise; DE SOUZA BASTOS, Ana Cecília. A construção histórica da imagem da “boa mãe”: o imperativo da amamentação. **Revista Formadores**, v. 8, n. 3, p. 10, 2015. Disponível em: <<https://seer-adventista.com.br/ojs3/index.php/formadores/article/view/667/578>>. Acesso em 10 de maio de 2021.

SANTOS, Daniel Batista Conceição dos *et al.* Sensibilização das mães de crianças com microcefalia na promoção da saúde de seus filhos. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 53, 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/reeusp/a/rpkJjmKWsgKTyKJwX4NjXKQ/?lang=pt>>. Acesso em: 18 de outubro de 2021.

SILVA JARDIM, Tamyris *et al.* Principais fatores relacionados à impossibilidade de amamentação em Puérperas assistidas no Isea. **Brazilian Journal of Health Review**, v. 2, n. 6, p. 5024-5046, 2019. Disponível em: <<https://www.brazilianjournals.com/index.php/BJHR/article/view/4415/5557>>. Acesso em 15 de outubro de 2021.

SILVA, E. L; MENEZES, E. M. (2000) - **Metodologia da Pesquisa e Elaboração de Dissertação**. Florianópolis: LED/UFSC, 2000. Disponível em: <<http://cursos.unipampa.edu.br/cursos/ppgcb/files/2011/03/Metodologia-da-Pesquisa-3a-edicao.pdf>>. Acesso 01 de junho de 2021.

VAHLQUIST, B. (Introduction). Contemporary patterns of breast-feeding Report of the WHO Collaborative Study on Breast-feeding. **Geneva: World Health Organization**, 1981. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/40079/9241560673_eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 13 de maio de 2021.

ZANATTA, Edinara; PEREIRA, Caroline Rubin Rossato; ALVES, Amanda Pansard. A experiência da maternidade pela primeira vez: as mudanças vivenciadas no tornar-se mãe. **Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 12, n. 3, p. 16, 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufsj.edu.br/index.php/revista_ppp/article/view/2646/1751>. Acesso em 15 de outubro de 2021.